

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

JUNHO DE 1867

Nº 6

Emancipação das Mulheres nos Estados Unidos¹⁷

“Mandam dizer de Nova Iorque que no número das petições recentemente dirigidas ao presidente dos Estados Unidos, encontra-se uma que levantou mais uma vez a questão da admissibilidade das mulheres aos empregos públicos. A senhorita Françoise Lord, de Nova Iorque, pediu para ser enviada como consulesa ao estrangeiro. O presidente levou seu pedido em consideração, e ela espera que o Senado lhe seja favorável. O sentimento público não se mostra tão hostil a essa inovação quanto se poderia supor, e vários jornais defendem a pretensão da senhorita Lord.”

(*Siècle*, 5 de abril de 1867)

“No distrito comandado pelo general Shéridan, formado pelos estados da Louisiana e do Texas, as listas eleitorais foram abertas, e a população branca ou de cor começou a se

¹⁷ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

inscrever, sem levantar objeção a respeito da ingerência da autoridade militar em todo este caso. Apesar dos esforços dos legisladores de Washington, a população do norte guarda uma grande parte de seus preconceitos contra os negros. Com a maioria de 35 votos contrários, a Câmara dos Deputados de Nova Jérsei lhes recusou o gozo dos direitos políticos e o Senado do Estado associou-se a esse voto, que é objeto dos mais vivos ataques em toda a imprensa republicana. Em compensação, um dos estados do Oeste, o Wisconsin, deu o direito de sufrágio às mulheres de mais de vinte e um anos. Este princípio novo faz seu caminho nos Estados Unidos, e não faltam jornalistas para aprovar a galanteria política dos senadores do Wisconsin. Fazendo alusão a um romance célebre, um orador de uma reunião popular perguntou: Como recusaríamos capacidade política à Sra. Beecher-Stowe, quando a reconhecemos no pai Tomás?”

(*Grande Moniteur*, 9 de maio de 1867)

A Câmara dos Comuns da Inglaterra também se ocupou desta questão em sua sessão de 20 de maio último, sobre proposição de um de seus membros. Lê-se no relato do *Morning-Post*:

“Sobre a cláusula 4, o Sr. *Mill* pede que se suprima a palavra *homem* e que se insira a palavra *pessoa*.

Diz ele: “Meu objetivo é admitir a liberdade eleitoral a uma parte muito grande da população, atualmente excluída do seio da constituição, isto é, as mulheres. Não vejo por que as senhoras não casadas, maiores, e as viúvas não teriam voz na eleição dos membros do Parlamento.

“Talvez digam que as mulheres já têm bastante poder, mas sustento que se elas obtivessem os direitos civis, que proponho se lhes conceda, elevaríamos a sua condição e as

desembaraçaríamos de um obstáculo que hoje impede a expansão de suas faculdades.

“Confesso que as mulheres já possuem um grande poder social, mas não em demasia, e não são crianças mimadas, como geralmente se supõe. Aliás, seja qual for o seu poder, quero que seja responsável, e lhes darei o meio de fazer conhecer suas necessidades e seus sentimentos.

“O Sr. *Lang* – A proposição é, segundo ele, insustentável, e está convencido de que a grande maioria das próprias mulheres a rejeitaria.

“*Sir John Bowyer* pensa de outro modo. As mulheres agora podem ser vigilantes diretoras dos povos, e ele não vê por que não votariam para os membros do Parlamento. O ilustre baronete cita o caso da Srta. *Burdetts Coutts*, para mostrar que a propriedade das mulheres, embora imposta como a dos homens, não está de modo algum representada.

“Procedeu-se à votação: a emenda foi rejeitada por 196 votos contra 73, e foi ordenado que a palavra *homem* fará parte da cláusula.”

O jornal *Liberté*, de 24 de maio, faz acompanhar o relato das seguintes e judiciosas reflexões:

“Será que as mulheres não são admitidas a ter assento e votar nas assembléias de acionistas, da mesma maneira que os homens?”

“Se fosse certo, como pretendeu o honrado Sr. *Lang*, que as mulheres recusassem o direito que o Sr. *Stuart Mill* propõe se lhes reconheça, não seria razão para que ele não lhes fosse atribuído, já que lhes pertence legitimamente. As que tivessem repugnância de o exercer, estariam livres para não votar, salvo, mais

tarde, a reconsiderar, quando o uso as tivesse feito mudar de opinião.

“Os *Langs*, que fazem questão de manter os olhos fechados, acham monstruoso que as mulheres votem, mas muito natural e perfeitamente simples que elas reinem!

“Ó inconseqüência humana! ó contradição social!”

A. Fagnan

Tratamos da questão da emancipação das mulheres no artigo intitulado: *As mulheres têm alma?* publicado na Revista de janeiro de 1866, ao qual enviamos o leitor, para não nos repetirmos aqui. As considerações seguintes servirão para o completar.

Numa época em que os privilégios, resquícios de outra época e de outros costumes, caem diante do princípio da igualdade de direitos de toda criatura humana, não é de duvidar que os da mulher não tardassem a ser reconhecidos, e que, em futuro próximo, a lei não a tratará mais como menor. Até o presente, o reconhecimento desses direitos é considerado como uma concessão da força à fraqueza, razão por que é regateada com tanta parcimônia. Ora, como tudo quanto é concedido facultativamente pode ser retirado, esse reconhecimento só será definitivo e imprescritível quando não mais for subordinado ao capricho do mais forte, mas fundado num princípio que ninguém possa contestar.

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas

leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista *circunscrito*, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes.

Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo.

Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes.

Aplicando este princípio à posição social da mulher, diremos que de todas as doutrinas filosóficas e religiosas, o Espiritismo é a única que estabelece seus direitos sobre a própria Natureza, provando a identidade do ser espiritual nos dois sexos. Desde que a mulher não pertence a uma *criação distinta*; que o Espírito pode nascer à vontade homem ou mulher, conforme o gênero de provas a que quer submeter-se para seu adiantamento; que a diferença não está senão no invólucro exterior, que modifica

suas aptidões, da identidade na natureza do ser, deve-se concluir, necessariamente, pela igualdade dos direitos. Isto decorre, não de uma simples teoria, mas da observação dos fatos e do conhecimento das leis que regem o mundo espiritual. Encontrando os direitos da mulher uma consagração na Doutrina Espírita, fundada nas leis da Natureza, daí resulta que a propagação dessa doutrina apressará sua emancipação e lhe dará, de maneira estável, a posição social que lhe pertence. Se todas as mulheres compreendessem as conseqüências do Espiritismo, todas seriam espíritas, porque aí encontrariam o mais poderoso argumento que pudessem invocar.

O pensamento da emancipação da mulher neste momento germina num grande número de cérebros, porque estamos numa época em que fermentam as idéias de renovação social e em que as mulheres, tanto quanto os homens, sofrem a influência do sopro progressivo que agita o mundo. Depois de se terem ocupado muito de si mesmos, os homens começam a compreender que seria justo fazer algo por elas, afrouxar um pouco os laços da tutela sob os quais as mantêm. Devemos felicitar tanto mais os Estados Unidos pela iniciativa que tomam a este respeito, porque foram mais longe concedendo uma posição legal e de direito comum a toda uma raça da Humanidade.

Mas da igualdade dos direitos seria abusivo concluir pela igualdade de atribuições. Deus dotou cada ser de um organismo apropriado ao papel que deve desempenhar na Natureza. O da mulher é traçado por sua organização, e não é o menos importante. Há, pois, atribuições bem caracterizadas, conferidas a cada sexo pela própria Natureza, e essas atribuições implicam deveres especiais que os sexos não poderiam cumprir eficazmente saindo de seu papel. Há uns em cada sexo, como de um sexo a outro; a constituição física determina aptidões especiais; seja qual for sua constituição, todos os homens certamente têm os mesmos direitos, mas é evidente, por exemplo, que aquele que não

está organizado para o canto não poderia tornar-se um cantor. Ninguém lhe pode tirar o direito de cantar, mas esse direito é incapaz de lhe dar as qualidades que lhe faltam. Se, pois, a Natureza deu à mulher músculos mais fracos do que ao homem, é que ela não foi chamada aos mesmos exercícios; se sua voz tem outro timbre, é que não está destinada a produzir as mesmas impressões.

Ora, é para temer, e é o que ocorrerá, que na febre de emancipação que a atormenta, a mulher se julgue apta a preencher todas as atribuições do homem e que, caindo num excesso contrário, depois de ter tido muito pouco, queira ter em demasia. Tal resultado é inevitável, mas absolutamente não é para assustar. Se as mulheres têm direitos incontestáveis, a Natureza tem os seus, que jamais perde. Em breve elas se cansarão dos papéis que não são os seus. Deixai-as, pois, que reconheçam pela experiência sua insuficiência nas coisas às quais a Providência não as requisitou; ensaios infrutíferos as reconduzirão forçosamente ao caminho que lhes é traçado, caminho que pode e deve ser ampliado, mas que não pode ser desviado sem prejuízo para elas próprias, abalando a influência toda especial que elas devem exercer. Reconhecerão que só terão a perder na troca, porque a mulher de atitudes muito viris jamais terá a graça e o encanto que constituem a força daquela que sabe ficar mulher. Uma mulher que se faz homem abdica de sua verdadeira realeza; olham-na como um fenômeno.

Depois de lidos os dois artigos acima na Sociedade de Paris, foi proposta aos Espíritos, como assunto de estudo, a seguinte questão:

Que influência deve ter o Espiritismo sobre a condição da mulher?

Como todas as comunicações obtidas concluíssem no mesmo sentido, referir-nos-emos à seguinte, por ser a mais desenvolvida:

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo – Dissertação verbal)

“Em todos os tempos os homens têm sido orgulhosos; é um vício constitucional, inerente à sua natureza. O homem – falo do sexo – o homem, forte pelo desenvolvimento de seus músculos, pelas concepções um tanto ousadas de seus pensamentos, não levou em conta a fraqueza a que se faz alusão nas santas Escrituras, fraqueza que fez a desgraça de toda a sua descendência. Julgou-se forte e serviu-se da mulher, não como de uma companheira, de uma família, mas dela se servindo do ponto de vista puramente bestial, transformando-a num animal bastante agradável e acostumando-a a manter respeitosa distância do senhor. Mas como Deus não quis que uma metade da Humanidade fosse dependente da outra, não fez duas criações distintas: uma para estar constantemente a serviço da outra. Quis que todas as suas criaturas pudessem participar do banquete da vida e do infinito na mesma proporção.

“Nesses cérebros, por tanto tempo mantidos afastados de toda ciência como impróprios a receber os benefícios da instrução, Deus fez nascer, como contrapeso, astúcias que põem em xeque as forças do homem. A mulher é fraca, o homem é forte, concebe-se; mas a mulher é astuciosa e a ciência contra a astúcia nem sempre triunfa. Se fosse a verdadeira ciência, ela a venceria; mas é uma ciência falsa e incompleta, e a mulher facilmente encontra o seu calcanhar de Aquiles. Provocada pela posição que lhe era dada, a mulher desenvolveu o germe que sentia em si; a necessidade de sair do seu aviltamento lhe deu o desejo de romper suas cadeias. Segui sua marcha; tomai-a desde a era cristã e observai-a: vê-la-eis cada vez mais dominante, mas ela não consumiu toda a sua força; conservou-a para tempos mais oportunos e aproxima-se a época em que chegará a sua vez de a exhibir. Aliás, a geração que se ergue traz em seus flancos a mudança que nos é anunciada desde muito tempo, e a mulher atual quer ter, na sociedade, um lugar igual ao do homem.

“Observai bem; olhai os interiores e vede quanto a mulher tende a libertar-se do jugo; ela reina como senhora, por vezes como déspota. Vós a tivestes vergada por muito tempo; ela se empertiga como uma mola comprimida que se distende, pois começa a compreender que é chegada a sua hora.

“Pobres homens! Se refletísseis que os Espíritos não têm sexo; que aquele que hoje é homem pode ser mulher amanhã; que escolhem indiferentemente, e por vezes de preferência, o sexo feminino, antes deveríeis regozijar-vos que vos afligir com a emancipação da mulher, e admiti-la no banquete da inteligência, abrindo-lhe de par em par todas as portas da Ciência, porque ela tem concepções mais finas, mais suaves, toques mais delicados que os do homem. Por que a mulher não poderia ser médica? Não é chamada naturalmente a prodigalizar cuidados aos doentes, e não os daria com mais inteligência se tivesse os conhecimentos necessários? Não há casos em que, quando se trata de pessoas de seu sexo, seria preferível uma médica? Muitas mulheres não têm dado provas de sua aptidão por certas ciências? da finura de seu tato nos negócios? Por que, então, os homens reservariam para si o monopólio, senão por medo de vê-las ganhar em superioridade? Sem falar das profissões especiais, a primeira profissão da mulher não é a de mãe de família? Ora, a mãe instruída é mais apta para dirigir a instrução e a educação de seus filhos; ao mesmo tempo que alimenta o corpo, pode desenvolver o coração e o espírito. Sendo a primeira infância necessariamente confiada aos cuidados da mulher, quando esta for instruída a regeneração social terá dado um passo imenso, e é o que será feito.

“A igualdade do homem e da mulher teria ainda outro resultado. Ser senhor, ser forte, é muito bom; mas é, também, assumir grande responsabilidade. Partilhando o fardo dos negócios da família com uma companheira capaz, esclarecida, naturalmente devotada aos interesses comuns, o homem alivia a sua carga e diminui sua responsabilidade, ao passo que a mulher, estando sob

tutela e, por isto mesmo, num estado de submissão forçada, não tem voto na matéria senão quando o homem houver por bem condescender em lho dar.

“Diz-se que as mulheres são muito tagarelas e muito frívolas; mas, de quem a falta, senão dos homens que não lhes permitem a reflexão? Dai-lhes o alimento do espírito, e elas falarão menos; meditarão e refletirão. Acusai-as de frivolidade? Mas o que é que elas têm a fazer? – falo sobretudo da mulher do mundo – Nada, absolutamente nada. Em que ela pode ocupar-se? Se reflete e transcreve seus pensamentos, trata-na ironicamente de *mulher pedante*. Se cultiva as ciências ou as artes, seus trabalhos não são levados em consideração, salvo raríssimas exceções e, contudo, como o homem, ela precisa de emulação. Lisonjear um artista é dar-lhe tom e coragem; mas, para a mulher, isto realmente não vale a pena! Então lhes resta o domínio da frivolidade, no qual elas podem estimular-se entre si.

“Que o homem destrua as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação da mulher e logo a verá alçar o seu vôo, com grande vantagem para a sociedade. Ficai sabendo que a mulher, como todos vós, tem a centelha divina, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher.”

A Homeopatia no Tratamento das Doenças Morais

(2º artigo – Vide o número de março de 1867)

O artigo que publicamos no número de março sobre a ação da homeopatia nas doenças morais, nos valeu, de um dos mais ardentes partidários deste sistema e, ao mesmo tempo, um dos mais fervorosos adeptos do Espiritismo, o doutor Charles Grégory,

a seguinte carta, que julgamos por bem publicar, em razão da luz que a discussão pode trazer à questão.

“Caro e venerado mestre,

“Vou tentar explicar-vos como compreendo a ação da homeopatia sobre o desenvolvimento das faculdades morais.

“Como eu, admitis que todo homem saudável possui rudimentos de todas as faculdades e de todos os órgãos cerebrais necessários à sua manifestação. Também admitis que certas faculdades vão se desenvolvendo sempre, enquanto outras, as que sem dúvida são apenas rudimentares, depois de mal terem dado alguns lampejos, parecem extinguir-se completamente. No primeiro caso, em vossa opinião, os órgãos cerebrais que dizem respeito às faculdades em pleno desenvolvimento teriam sua livre manifestação, ao passo que os rudimentares, que a maior parte das vezes se relacionam, também, com aptidões rudimentares, se atrofiam completamente com o avançar da idade, por falta de atividade vital.

“Se, pois, por meio de medicamentos apropriados, eu agir sobre os órgãos imperfeitos, se aí desenvolver um acréscimo de atividade vital, se para aí requisito uma nutrição mais poderosa, é bem claro que, aumentando o volume, eles permitirão que a faculdade rudimentar melhor se manifeste, e que, pela transmissão das idéias e dos sentimentos que tiverem colhido, pelos sentidos, no mundo exterior, imprimirão à faculdade correspondente uma influência salutar e, por sua vez, a desenvolverão, porque tudo se liga e se mantém no homem; a alma influi sobre o físico, como o corpo influi sobre a alma. Esta já é, portanto, uma primeira influência dos medicamentos através do aumento dos órgãos sobre as faculdades correspondentes da alma; uma possibilidade de o homem crescer em potencialidades e em aptidões, por meio de forças tiradas do mundo material.

“Agora, para mim não está provado de modo algum que nossas pequenas doses, chegadas a um estado de sublimação e de sutileza que ultrapassam todos os limites, de certo modo não tenham em si algo de espiritual, que por sua vez age sobre o Espírito. Nossos medicamentos, dados no estado de divisão que a arte os faz sofrer, não são mais substâncias materiais, mas, em minha opinião, forças que, necessariamente, devem agir sobre as faculdades da alma que, também elas, são forças.

“E, depois, como creio que o Espírito do homem, antes de encarnar-se na Humanidade, sobe todos os degraus da escala e passa pelo mineral, a planta e o animal e na maior parte dos tipos de cada espécie, onde preludia para seu completo desenvolvimento como ser humano, quem me diz que, dando medicamento que nem é mineral, nem planta, nem animal, mas o que poderia chamar sua essência e, de certo modo, seu espírito, não se age sobre a alma humana composta dos mesmos elementos? Porque, digam o que disserem, o espírito é bem alguma coisa e, desde que se desenvolveu e se desenvolve incessantemente, deve ter tomado seus elementos em alguma parte.

“Tudo quanto posso dizer é que não agimos sobre a alma com as nossas 200^a e 600^a diluições, materialmente, mas virtualmente e, de certo modo, espiritualmente.

“Os fatos estão aí, fatos numerosos, bem observados, e que bem poderiam demonstrar que não estou completamente errado. Para citar a mim mesmo, embora não goste muito de questões pessoais, direi que, experimentando em mim mesmo, há trinta anos, remédios homeopáticos, de certo modo criei em mim novas faculdades, sem dúvida rudimentares, mas que na minha mais exuberante juventude jamais tinha conhecido quando ignorava a homeopatia, e que hoje, aos cinqüenta e dois anos, encontro bem desenvolvidas: o sentimento da cor e das formas.

“Acrescentarei ainda que, sob a influência de nossos meios, vi caracteres mudarem completamente; à leviandade sucederam a reflexão e a solidez do raciocínio; à lubricidade, a continência; à maldade, a benevolência; ao ódio, a bondade e o perdão das injúrias. Evidentemente não é coisa para alguns dias; são mesmo precisos alguns anos de cuidados, mas se chega a esses belos resultados por meios *tão cômodos*, que não há nenhuma dificuldade em decidir os clientes que vos são devotados, e um médico os tem sempre. Eu mesmo observei que os resultados obtidos por nossos meios eram adquiridos para sempre, ao passo que os dados pela educação, os bons conselhos, as exortações seguidas, os livros de moral quase não resistiam ante a possibilidade de satisfazer uma paixão ardente, e as tentações em relação com nossas fraquezas, antes adormecidas e entorpecidas do que curadas. Se, neste último caso, surgiam triunfos, não era sem lutas violentas, que não convinha prolongar por muito tempo.

“Eis, caro mestre, as observações que desejava submeter-vos sobre esta questão tão grave da influência da homeopatia sobre o moral humano.

“Para concluir: quer seja pelo cérebro que o medicamento age sobre as faculdades, quer aja ao mesmo tempo sobre a fibra cerebral e sobre a faculdade correspondente, não está menos demonstrado para mim, por centenas de fatos, que a ação sutil e profunda de nossas doses sobre o moral humano é bem real. Além disso, é-me demonstrado que a homeopatia deprime certas faculdades, certos sentimentos ou certas paixões muito exaltadas, para realçar outras muito enfraquecidas, e como que paralisadas, conduzindo, por isto mesmo, ao equilíbrio e à harmonia e, por conseguinte, à melhora real e ao progresso do homem em todas as suas aptidões, e facilidade de vencer-se a si mesmo.

“Não julgueis que tal resultado anule a responsabilidade humana, e que se chegue a esse progresso tão desejado sem

sofrimentos e sem lutas. Não basta tomar um medicamento e dizer: ‘Vou vencer a minha inclinação para a cólera, o ciúme e a luxúria.’ Oh! não! O remédio apropriado, uma vez introduzido no organismo, aí não traz uma modificação profunda senão *ao preço de violentos sofrimentos morais e físicos e, muitas vezes, de longa, muito longa duração*; sofrimentos que devem ser repetidos várias vezes, variando os medicamentos e as doses, e isto durante meses e, às vezes, anos, se se quiser chegar a resultados concludentes. É este o preço a pagar por seu melhoramento moral; é esta a prova e a expiação pelas quais tudo se paga neste mundo inferior, e vos confesso que não é coisa fácil de se corrigir, mesmo pela Homeopatia. Não sei se, pelas angústias interiores que se sofre, não se paga mais caro esse progresso do que pela modificação mais lenta, é verdade, mas sem dúvida mais suave e mais suportável da ação puramente moral de todos os dias, pela observação de si mesmo e o ardente desejo de vencer-se.

“Termino aqui. Mais tarde eu vos contarei inúmeros fatos que bem vos poderão convencer.

“Recebei, etc.”

Esta carta em nada modifica a opinião que emitimos sobre a ação da Homeopatia no tratamento das doenças morais, e que, ao contrário, vem confirmar os próprios argumentos do Dr. Grégory. Insistimos, pois, em dizer que, se os medicamentos homeopáticos podem ter uma ação sobre o moral, é agindo sobre os órgãos das manifestações, o que pode ter sua utilidade em certos casos, mas não sobre o Espírito; que as qualidades boas ou más e as aptidões são inerentes ao grau de *adiantamento ou de inferioridade* do Espírito, e que não é com um medicamento qualquer que se pode fazê-lo avançar mais depressa, nem lhe dar qualidades que não pode adquirir senão sucessivamente e pelo trabalho; que uma tal doutrina, fazendo depender as disposições morais do organismo, tira do homem toda responsabilidade, a despeito

do que diz o Sr. Grégory, e o dispensa de todo trabalho sobre si mesmo para se melhorar, desde que se poderia torná-lo bom à sua revelia, administrando-lhe tal ou qual remédio; que se, com a ajuda de meios materiais, podem modificar-se os órgãos das manifestações, o que admitimos perfeitamente, esses meios não podem mudar as tendências instintivas do Espírito, do mesmo modo que, cortando a língua de um falador, não se lhe tira a vontade de falar. Um costume do Oriente vem confirmar nossa asserção por um fato material bem conhecido.

Evidentemente o estado patológico influi sobre o moral em certos aspectos, mas as disposições que têm esta fonte são acidentais e não constituem o fundo do caráter do Espírito; são estas, sobretudo, que uma medicação apropriada pode modificar. Há pessoas que só são benevolentes depois de ter jantado bem e às quais nada se deve pedir quando estão em jejum; deve-se concluir, por isto, que um bom jantar seria um remédio contra o egoísmo? Não, porque essa benevolência, provocada pela plenitude da satisfação sensual, é um efeito do próprio egoísmo; não passa de uma benevolência aparente, de um produto deste pensamento: “Agora que não mais preciso de nada, posso ocupar-me um pouco com os outros.”

Em resumo, não contestamos que certos medicamentos – e os homeopáticos mais que qualquer outros – produzem alguns dos efeitos indicados, mas contestamos enfaticamente seus resultados permanentes e, sobretudo, *tão universais*, como pretendem algumas pessoas. Um caso em que a Homeopatia nos parece particularmente aplicável com sucesso é o da *loucura patológica*, porque aqui a desordem moral é consequência da desordem física, e que agora é constatado pela observação dos fenômenos espíritas, que o Espírito não é louco. Não há por que o modificar, mas lhe dar os meios de manifestar-se livremente. A ação da Homeopatia pode ser aqui tanto mais eficaz, quanto age principalmente pela natureza espiritualizada de

seus medicamentos, sobre o perispírito, que apresenta papel preponderante nesta afecção.

Teríamos mais de uma objeção a fazer sobre algumas das proposições contidas nesta carta, mas isto nos levaria muito longe. Contentamo-nos, pois, em considerar as duas opiniões. Como, em tudo, os fatos são mais concludentes que as teorias, e são eles, em última análise, que confirmam ou destroem as últimas, desejamos ardentemente que o Dr. Gregóry publique um tratado especial *prático* de Homeopatia aplicado ao tratamento das doenças morais, a fim de que a experiência possa generalizar-se e decidir a questão. Mais que qualquer outro, ele nos parece capaz de fazer esse trabalho *ex-professo*.

O Sentido Espiritual

Uma segunda carta do doutor Gregóry contém o seguinte:

“Numa comunicação, Erasto enunciou uma idéia que me surpreendeu e me fez refletir. O homem, diz ele, tem sete sentidos: os sentidos bem conhecidos da audição, do olfato, da visão, do gosto e do tato e, além destes, *o sentido sonambúlico e o sentido mediúnico*.

“Acrescento a estas palavras que estes dois últimos não existem senão por exceção, bastante desenvolvidos nalgumas naturezas privilegiadas, caso existam em todo homem em estado rudimentar. Ora, há em mim uma convicção adquirida por mais de uma observação e por uma experiência bastante longa dos poderes homeopáticos: é que nossos medicamentos, bem escolhidos e tomados por longo tempo, podem desenvolver essas duas admiráveis faculdades.”

Em nossa opinião seria erro considerar o sonambulismo e a mediunidade como o produto de dois sentidos diferentes, considerando-se que não passam de dois efeitos resultantes de uma mesma causa. Essa dupla faculdade é um dos atributos da alma e tem por órgão o perispírito, cuja irradiação transporta a percepção além dos limites da ação dos sentidos materiais. A bem dizer é o *sexto sentido*, que é designado sob o nome de *sentido espiritual*.

O sonambulismo e a mediunidade são duas variedades da atividade desse sentido que, como se sabe, apresentam inúmeros matizes e constituem aptidões especiais. Fora destas duas faculdades, mais notáveis porque mais aparentes, seria erro crer que o *sentido espiritual* não exista senão em estado rudimentar. Como os outros sentidos, é mais ou menos desenvolvido, ou mais ou menos sutil conforme os indivíduos, mas todo o mundo o possui, e não é o que presta menos serviços, pela natureza toda especial das percepções das quais é a fonte. Longe de ser a regra, sua atrofia é exceção, e pode ser considerada como uma enfermidade, assim como a ausência da vista ou da audição. É por este sentido que recebemos os eflúvios fluídicos dos Espíritos, que nos inspiramos, mau grado nosso, em seus pensamentos, que nos são dados os avisos íntimos da consciência, que temos o pressentimento e a intuição das coisas futuras ou ausentes, que se exercem a fascinação, a ação magnética inconsciente e involuntária, a penetração do pensamento, etc. Essas percepções são dadas ao homem pela Providência, assim como a visão, a audição, o olfato, o gosto e o tato, para a sua conservação; são fenômenos muito vulgares, que ele apenas os nota pelo hábito que tem de os experimentar, e dos quais não se deu conta até hoje, devido sua ignorância das leis do princípio espiritual, da própria negação, em alguns, da existência desse princípio. Mas, quem quer que leve sua atenção sobre os efeitos que acabamos de citar, e sobre muitos outros da mesma natureza, reconhecerá quanto eles são freqüentes

e como são completamente independentes das sensações percebidas pelos órgãos do corpo.

A *vista espiritual*, vulgarmente chamada *dupla vista* ou *segunda vista*, é um fenômeno menos raro do que se pensa; muitas pessoas têm esta faculdade sem o suspeitar; apenas é mais ou menos acentuada, e é fácil certificar-se de que ela é estranha aos órgãos da visão, pois que se exerce sem o auxílio desses órgãos e até os cegos a possuem. Existe em certas pessoas no mais perfeito estado normal, sem o menor traço aparente de sono nem de estado estático. Conhecemos em Paris uma senhora na qual ela é permanente, e tão natural quanto a vista ordinária; ela vê sem esforço e sem concentração o caráter, os hábitos, os antecedentes de quem quer que dela se aproxime; descreve as doenças e prescreve tratamentos eficazes com mais facilidade que muitos sonâmbulos ordinários; basta pensar numa pessoa ausente para que a veja e a designe. Um dia estávamos em sua casa e vimos passar na rua alguém com quem temos relações, e que ela jamais tinha visto. Sem ser provocada por qualquer pergunta, fez-lhe o mais exato retrato moral e nos deu a seu respeito conselhos muito sensatos.

E, contudo, essa senhora não é sonâmbula. Fala do que vê, comoalaria de qualquer outra coisa, sem se desviar de suas ocupações. É médium? Ela mesma não sabe, porque até pouco tempo atrás nem mesmo conhecia de nome o Espiritismo. Assim, nela essa faculdade é tão natural e tão espontânea quanto possível. Como ela percebe, senão pelo sentido espiritual?

Devemos acrescentar que essa senhora tem fé nos sinais da mão, examinando-a quando a interrogam e dizendo aí ver o indício das doenças. Como vê certo e é evidente que muitas das coisas que diz não podem ter nenhuma relação fisiológica com a mão, estamos persuadidos de que para ela é simplesmente um meio de se pôr em relação e desenvolver sua vista, fixando-a num ponto determinado; a mão faz o papel de *espelho mágico* ou *psíquico*; ela aí

vê como outros vêm num vaso, numa garrafa ou noutra objeto. Sua faculdade tem muita relação com a do *Vidente da floresta de Zimmerwald*, mas lhe é superior em certos aspectos. Aliás, como não tira disto nenhum proveito, esta consideração afasta toda suspeita de charlatanismo e, considerando-se que dela só se serve para prestar serviço, deve ser assistida por Espíritos bons. (Vide a Revista de outubro de 1864: *O sexto sentido e a visão espiritual*; outubro de 1865: *Novos estudos sobre os espelhos psíquicos. O vidente da floresta de Zimmerwald*).

Grupo Curador de Marmande

INTERVENÇÃO DOS PARENTES NAS CURAS

“Marmande, 12 de maio de 1867.

“Caro senhor Kardec,

“Há algum tempo vos entretive com o resultado de nossos trabalhos espíritas, que continuamos com perseverança e, sinto-me feliz em dizê-lo, com sucessos satisfatórios. Os obsidiados e os doentes são sempre objeto de nossos cuidados exclusivos. A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias.

“Nossos Espíritos bons, que se devotam à propagação do Espiritismo, tomaram também a tarefa de vulgarizar o magnetismo. Em quase todas as consultas, para os diversos casos de moléstias, eles pedem o auxílio dos parentes: um pai, uma mãe, um irmão ou uma irmã, um vizinho, um amigo são requisitados para dar *passes*. Essas bravas criaturas ficam surpresas de debelar crises, de acalmar dores. Parece-me que este meio é engenhoso e seguro para fazer adeptos; por isso a confiança se estende cada vez mais em nosso país. Os grupos que se ocupam de curas talvez fizessem bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados

obtidos provariam de maneira evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza de que a faculdade de curar ou aliviar o semelhante não é privilégio exclusivo de algumas pessoas; que, para tanto, não é preciso senão boa vontade e confiança em Deus. Não falo aqui de uma boa saúde, que é condição indispensável, compreende-se. Reconhecendo-se que se tem tal poder em si mesmo, adquire-se a certeza de que não há astúcia, nem sortilégio, nem pacto com o diabo. É, pois, um meio de destruir as idéias supersticiosas.

“Eis alguns exemplos de curas obtidas.

“Uma menina de 6 ou 7 anos estava acamada, com uma dor de cabeça contínua, febre, tosse freqüente com expectoração e dor viva do lado esquerdo e também nos olhos, que, de vez em quando, se cobriam de uma substância leitosa, formando uma espécie de belida. Sob os cabelos, a pele do crânio estava coberta de películas brancas; urina espessa e turva. Fraca e abatida, a criança não comia nem dormia. O médico acabara por suspender as visitas. A mãe, *pobre*, em presença de sua filha doente e abandonada, veio me procurar. Consultados, nossos guias prescreveram como único remédio a imposição das mãos, os passes fluídicos por parte da mãe, recomendando-me que fosse, durante alguns dias, fazer-lhe ver como deveria se conduzir. Comecei por drenar as vesículas e fazer secá-las. Depois de três dias de passes e de imposição das mãos sobre a cabeça, os rins e o peito, efetuadas *a título de lições*, mas feitas com alma, a criança pediu para se levantar; a febre tinha passado e todos os acidentes descritos acima desapareceram ao cabo de dez dias.

“Esta cura, que a mãe qualificava de miraculosa, fez que me chamassem dois dias mais tarde, junto a outra menina de 3 ou 4 anos, que tinha febre. Depois dos passes e imposição das mãos, a febre cessou, desde o primeiro dia.

“As curas de algumas obsessões não nos dão menos satisfação e confiança. Maria B..., jovem de 21 anos, de Samazan, perto de Marmande, punha-se nua como um bicho, corria nos campos e ia deitar-se ao lado do cachorro num buraco de palheiro. A moralização do obsessivo por nossa parte e os passes fluídicos feitos pelo marido, conforme as nossas instruções, logo a livraram. Toda a comuna de Samazan foi testemunha da impotência da Medicina para curá-la, e da eficácia do meio simples empregado para trazê-la ao estado normal.

“A Sra. D..., de 22 anos, da comuna de Santa Marta, não muito longe de Marmande, caía em crises extraordinárias e violentas; berrava, mordía, rolava-se, sentia golpes terríveis no estômago, desfalecia e, às vezes, ficava quatro ou cinco horas inconsciente; uma vez passou oito dias sem recobrar a lucidez. Em vão o Dr. D... lhe havia prestado cuidados. O marido, depois de ter corrido à busca de profissionais, sacerdotes da região reputados como curadores e exorcistas, adivinhos, pois confessou os haver consultado, dirigiu-se a nós, pedindo que nos ocupássemos de sua mulher, se, como lhe haviam contado, estivesse em nós o poder de curá-la. Prometemos escrever-lhe, para indicar o que deveria fazer.

“Consultados, nossos guias disseram: Cessem qualquer tratamento médico: os remédios seriam inúteis; que o marido eleve sua alma a Deus, imponha as mãos sobre a fronte da esposa e lhe dê passes fluídicos com amor e confiança; que observe pontualmente as recomendações que lhe vamos fazer, por mais contrariado que possa ficar (seguem as recomendações, absolutamente pessoais), e bem se compenetre da idéia que estas são necessárias em benefício de sua pobre atormentada, e em breve terá a sua recompensa.

“Também nos disseram que chamássemos e moralizássemos o Espírito obsessivo, sob o nome de *Lucie Cédar*. Este Espírito revelou a causa que o levava a atormentar a Sra. D...

Esta causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Tendo este último se conformado a tudo, teve a satisfação de ver sua mulher completamente livre no espaço de dez dias. Disse-me: Já que os Espíritos se comunicam, não me admiro de que vos tenham dito o que só era conhecido por mim, mas estou muito mais admirado que nenhum remédio tenha podido curar minha mulher; se me tivesse dirigido a vós desde o começo, teria 150 francos no bolso, que aí não estão mais, pois os gastei em medicamentos.

“Aperto a vossa mão muito cordialmente.”

Dobre

Estes casos de cura nada têm de mais extraordinários que os que já temos citado, provenientes do mesmo centro; mas provam, pela persistência do sucesso, há vários anos, o que se pode obter pela perseverança e pela dedicação, razão por que nunca lhes falta a assistência dos Espíritos bons. Eles só abandonam os que deixam o bom caminho, o que é fácil de reconhecer pelo declínio do sucesso, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade são à prova das vicissitudes da vida. Elevam o que se humilha e humilham o que se eleva. Isto se aplica a todos os gêneros de mediunidade.

Nada desanimou o Sr. Dobre. Ele lutou energicamente contra todos os entraves que lhe foram suscitados e deles triunfou; desprezou as injúrias e as ameaças dos nossos adversários comuns e os forçou ao silêncio por sua firmeza; não poupou seu tempo, nem seu esforço, nem os sacrifícios materiais; jamais procurou prevalecer-se do que faz para pôr-se em evidência ou disso fazer um trampolim qualquer; seu desinteresse moral iguala o seu desinteresse material; se é feliz por triunfar, é porque cada sucesso o é para a doutrina. Eis os títulos sérios ao

reconhecimento de todos os espíritas presentes e futuros, títulos aos quais é preciso associar os membros do grupo que o secundam com tanto zelo e abnegação, e cujos nomes lamentamos não poder citar.

O fato mais característico assinalado nesta carta é o da intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma idéia nova, cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis. É a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. Os espíritas notarão quanto os Espíritos são engenhosos nos meios tão variados que empregam, para fazer penetrar a idéia nas massas. Como não o seria, desde que se lhe abrem, incessantemente, novos canais e lhe são dados os meios de bater em todas as portas?

Esta prática, pois, nunca seria demasiado encorajada. Todavia, não se deve perder de vista que os resultados estarão na razão da boa direção dada à coisa pelos chefes dos grupos curadores, e do impulso que souberem imprimir por sua energia, seu devotamento e seu próprio exemplo.

Nova Sociedade Espírita de Bordeaux

Desde o mês de junho de 1866, uma nova Sociedade Espírita, já numerosa, formou-se em Bordeaux, sobre bases que atestam o zelo e a boa vontade de seus membros, e um perfeito entendimento dos verdadeiros princípios da doutrina. Extraímos do relatório anual publicado pelo Presidente, algumas passagens que darão a conhecer o seu espírito.

Depois de ter falado das vicissitudes que o Espiritismo tem experimentado nesta cidade, das circunstâncias que levaram à formação da nova sociedade e de sua organização, que “permite àqueles de seus membros que sentem a sua força, desenvolver por

palestras, no começo de cada sessão, os grandes princípios da doutrina, princípios que muitos só combatem porque não os conhecem”, acrescenta:

“São essas palestras que até aqui nos atraíram numerosos ouvintes estranhos à Sociedade. Certamente não tenho a pretensão de crer que todos os nossos ouvintes vêm à nossa casa para instruir-se; muitos, sem dúvida, aqui comparecem na expectativa de pegar-nos em falta; é a sua tarefa. A nossa é espalhar o Espiritismo nas massas, e o Espiritismo nos provou que o melhor meio, depois da prática da sublime moral que dele decorre, e das comunicações dos Espíritos bons, é fazê-lo pela palavra.

“Desde que nos constituímos temos duas sessões por semana. Esse duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que eles ocasionam, e reservar outra sessão (a de sábado) aos estudos científicos. Acrescentarei, para justificar nossas sessões das quintas-feiras, que temos a felicidade de possuir entre nós um médium curador de faculdades bem desenvolvidas, conhecido por sua caridade, modéstia e desinteresse; é tão conhecido fora quanto no seio de nossa sociedade, de sorte que não lhe faltam doentes.

“Aliás, há em Bordeaux muitos casos de obsessão, e uma sessão por semana, especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores, está longe de ser suficiente, pois o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, por vezes, por alguns de nossos irmãos, vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores e chegar mais facilmente ao resultado.

“Ao médium curador veio juntar-se um dos nossos irmãos, magnetizador de grande força e de um devotamento a toda prova que, também ajudado pelos Espíritos bons, auxilia o

primeiro, de tal sorte que podemos dizer que a Sociedade possui dois médiuns curadores, embora em graus diferentes.”

Segue o relato de várias curas, entre as quais citaremos a seguinte:

Senhorita A..., de doze anos.

Órfã, cuidada por parentes muito pobres, esta menina nos foi apresentada em estado lastimável. Seu corpo inteiro era tomado de movimentos convulsivos; seu rosto contraía-se incessantemente e fazia caretas horríveis; os braços e as pernas eram constantemente agitados, a ponto de gastar as roupas da cama no espaço de oito dias. As mãos, que não podiam segurar nenhum objeto, rodopiavam sem parar em torno dos punhos. Enfim, em consequência da doença, sua língua se tornara de uma espessura extrema, acarretando o mais completo mutismo.

À primeira vista compreendemos que aí também havia uma obsessão. Como nossos guias confirmassem esta opinião, agimos como convém.

Segundo a opinião de um médico que se achava *incógnito* na casa da doente enquanto a submetíamos a um tratamento fluídico, a doença devia traduzir-se, *em três dias*, na dança de São Guido e, visto o estado de fraqueza em que se achava a doente, matá-la-ia impiedosamente no máximo em oito dias.

Não detalharei aqui os inúmeros incidentes a que deu lugar esta cura. Não vos falarei dos obstáculos de toda sorte, acumulados aos nossos passos, por influências contrárias e que tivemos de superar. Direi apenas que, dois meses após nossa entrevista com o médico, a menina falava como vós e eu, servia-se das mãos, ia à escola e estava perfeitamente curada.

Eis, acrescenta o Sr. Peyranne, os principais ensinamentos que saíram para nós das sessões consagradas aos Espíritos obsessores:

“Para agir eficazmente sobre um obsessor, é preciso que os que o moralizam e o combatem pelos fluidos, valham mais que ele. Isto se compreende tanto melhor quanto o poder dos fluidos está em relação direta com o adiantamento moral daquele que o emite. Um Espírito impuro chamado a uma reunião de homens moralizados aí não se sente à vontade; compreende a sua inferioridade e, se tentar afrontar o evocador, como por vezes acontece, ficai persuadidos de que logo abandonará o papel, sobretudo se as pessoas que compõem o grupo onde se comunica se unem ao evocador pela vontade e pela fé.

“Creio que ainda não compreendemos bem tudo quanto podemos sobre os Espíritos impuros, ou melhor, ainda não sabemos servir-nos dos tesouros que Deus colocou em nossas mãos.

“Sabemos, ainda, que uma descarga fluídica feita sobre um obsedado por vários espíritas, por meio da cadeia magnética, pode romper o laço fluídico que o liga ao obsessor e tornar-se para este último um remédio moral muito eficaz, provando-lhe a sua impotência.

“Sabemos, igualmente, que todo encarnado, animado do desejo de aliviar o seu semelhante, agindo com fé, pode, por meio de passes fluídicos, se não curar, ao menos aliviar sensivelmente um doente.

“Termino as sessões de quinta-feira fazendo notar que nenhum Espírito obsessor continuou rebelde. Todos aqueles de que nos ocupamos acabaram por reconhecer seus erros, abandonaram suas vítimas e entraram em melhor caminho.”

A respeito das sessões de sábado, ele diz:

“Essas sessões são abertas, como bem o sabeis, por uma conversa feita por um membro da Sociedade, sobre um assunto espírita, e termina por um resumo sucinto, feito pelo Presidente.

“Na conversa é deixado ao orador total liberdade de linguagem, contanto que não saia do quadro traçado por nosso regulamento. Ele encara sob o seu ponto de vista os diversos assuntos de que trata; desenvolve-os como bem entende e tira as conseqüências que julga convenientes; mas jamais poderia comprometer a responsabilidade da Sociedade.

“No fim da sessão o Presidente resume os trabalhos e, se não estiver de acordo com a opinião do orador, combate-o, fazendo notar ao auditório que, do mesmo modo que o primeiro, não compromete outra responsabilidade senão a sua, deixando a cada um o uso do livre-arbítrio e o cuidado de julgar e decidir, segundo a sua consciência, de que lado está a verdade ou, pelo menos, quem dela mais se aproxima. Porque, para mim, a verdade é Deus; quanto mais dele nos aproximarmos – o que não podemos fazer senão nos depurando e trabalhando pelo nosso progresso – tanto mais próximos estaremos da verdade.”

Chamamos ainda a atenção para o parágrafo seguinte:

“Embora tenhamos excelentes instrumentos para os nossos estudos, compreendemos que seu número se havia tornado insuficiente, sobretudo em presença da extensão sempre crescente da Sociedade. A escassez dos médiuns muitas vezes veio trazer obstáculos à marcha regular dos nossos trabalhos, e compreendemos que era necessário, tanto quanto possível, desenvolver as faculdades que jazem latentes na organização de muitos de nossos irmãos. É por isto que acabamos de decidir que uma sessão especial de ensaios mediúnicos seria realizada aos

domingos, às duas horas da tarde, na sala de nossas reuniões. Julguei dever para elas convidar não só nossos irmãos em crença, mas ainda os estrangeiros que desejassem tornar-se úteis. Estas sessões já deram resultados que ultrapassaram a nossa expectativa. Aí fazemos escrita, tiplogia, magnetismo. Várias faculdades muito diversas aí foram descobertas e daí saíram dois sonâmbulos que, parece, devem ser muito lúcidos.”

Não podemos senão aplaudir o programa da Sociedade de Bordeaux e cumprimentá-la por seu devotamento e pela inteligente direção de seus trabalhos. Um dos nossos colegas, de passagem por aquela cidade, assistiu ultimamente a algumas de suas sessões, delas trazendo a mais favorável impressão. Perseverando neste caminho, ela só poderá obter resultados cada vez mais satisfatórios, e jamais faltarão elementos para a sua atividade. A maneira por que procede para o tratamento das obsessões é, ao mesmo tempo, notável e instrutiva, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é que dá resultado. Voltaremos depois a este assunto, em artigo especial.

Seria supérfluo realçar a utilidade das instruções verbais, que designa sob o simples nome de conversas. Além da vantagem de exercitar no manejo da palavra, elas têm outra, não menor, de provocar um estudo mais completo e mais sério dos princípios da doutrina, de facilitar a sua compreensão, de ressaltar a sua importância e, pela discussão, de trazer a luz sobre os pontos controvertidos. É o primeiro passo para conferências regulares, que não podem deixar de ocorrer, mais cedo ou mais tarde, e que, vulgarizando a doutrina, contribuirão poderosamente para retificar a opinião pública, falseada pela crítica mal-intencionada ou ignorante daquilo que ela é.

Refutar as objeções, discutir os sistemas divergentes, são pontos essenciais que importa não negligenciar, e que podem fornecer matéria para instruções úteis; não somente é um meio de

dissipar os erros que poderiam ser acreditados, mas é fortalecer-se para as discussões particulares, que se pode ter que sustentar. Nessas instruções orais, sem dúvida, muitos serão assistidos pelos Espíritos, e daí não podem deixar de sair médiuns falantes. Os que fossem contidos pelo temor de falar perante um auditório, devem lembrar-se de que Jesus dizia aos seus apóstolos: “Não vos inquieteis com o que haveis de dizer; as palavras vos serão inspiradas no momento mesmo.”

Um grupo de província, que pode ser classificado entre os mais sérios e mais bem dirigidos, introduziu este uso em suas reuniões, que igualmente se realizam duas vezes por semana. É composto exclusivamente de oficiais de um regimento. Mas aí não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação, que lhes é imposta pelo regulamento, falar cada um por sua vez. Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve preparar-se para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da doutrina. Disso resulta para eles uma aptidão maior para fazer a propaganda e defender a causa, se necessário.

Necrológio

SR. QUINEMANT, DE SÉTIF

Escrevem-nos de Sétif (Argélia):

“Venho comunicar-vos a morte de um fervoroso adepto do Espiritismo, o Sr. Quinemant, falecido no sábado santo de 20 de abril de 1867. Foi o primeiro em Sétif que dele se ocupou comigo. Defendeu-o constantemente contra seus detratores, sem se preocupar com os ataques, nem com o ridículo. Era, ao mesmo tempo, um bom magnetizador e, por sua dedicação desinteressada, prestou numerosos serviços a pessoas sofredoras.

“Estava doente desde novembro; tinha febre de dois em dois dias, e quando não a tinha salivava água constantemente. Comia e digería bem, achava bom tudo quanto tomava e, não obstante isto, emagrecia a olhos vistos; homem de compleição muito robusta, seus membros chegaram à dimensão dos de um menino. Extinguia-se lentamente e compreendia muito bem sua posição; tinha dito que queria morrer no dia em que morrera o Cristo. Conservou toda a lucidez de espírito e conversava como se não estivesse doente. Morreu quase sem sofrimentos, com a tranqüilidade e a resignação de um espírita, dizendo à sua mulher que se consolasse, que se encontrariam no mundo dos Espíritos. Todavia, embora pouco gostasse de padres, nos últimos momentos pediu o cura, a despeito de com este ter tido vivas altercações no que respeita ao Espiritismo.

“Far-me-eis um grande favor se o evocardes, caso possível. Não tenho dúvida de que ele sentirá prazer em vir ao vosso apelo, e como era um homem esclarecido e de bom-senso, penso que nos poderá dar úteis conselhos. Era sua opinião que o Espiritismo cresceria, apesar de todos os entraves que lhe suscitam. Pedi-lhe, também, a causa de sua doença, que ninguém conhecia.”

Dumas

Evocado em particular, o Sr. Quinemant deu a comunicação que segue e no dia seguinte deu espontaneamente, na Sociedade, a que publicamos em separado, sob o título de *O Magnetismo e o Espiritismo comparados*.

(Paris, 16 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

“Apresso-me em vir ao vosso apelo com tanto maior facilidade quanto, desde o enterro de meus restos mortais, vim a todas as vossas reuniões. Tinha grande desejo de julgar o desenvolvimento da doutrina em seu centro natural; e se não o fiz

em vida do corpo, meus negócios materiais foram sua única causa. Agradeço vivamente ao meu amigo Dumas o pensamento benévolo que o levou a vos assinalar a minha partida e a vos pedir a minha evocação; maior prazer ele não me podia dar.

“Embora meu retorno ao mundo dos Espíritos seja recente, estou suficientemente desprendido para me comunicar com facilidade; as idéias que já possuía sobre o mundo invisível, minha crença nas comunicações e a leitura das obras espíritas haviam-me preparado para ver sem espanto, mas não sem infinita felicidade, o espetáculo que me aguardava. Estou feliz pela confirmação de meus mais íntimos pensamentos. Eu estava convencido, pelo raciocínio, do desenvolvimento ulterior, e da importância da Doutrina dos Espíritos sobre as gerações futuras. Mas, ah! eu percebia inúmeros obstáculos e fixava uma época indefinidamente afastada para a predominância de nossas idéias, efeito de minha curta visão e dos limites marcados pela matéria à minha concepção do futuro. Hoje tenho mais que convicção: tenho certeza. Ainda há pouco eu não via senão efeitos muito lentos, ao sabor dos meus desejos; hoje vejo, toco a causa desses efeitos, e meus sentimentos se modificaram. Sim, ainda é preciso muito tempo para que nossa Terra seja uma terra espírita, em toda a acepção da palavra. Mas será preciso um tempo relativamente muito curto para trazer uma considerável modificação na maneira de ser dos indivíduos e das nacionalidades.

“Os ensinamentos que colhi entre vós, o desenvolvimento importante de certas faculdades, os conciliábulos espirituais, aos quais me foi permitido assistir desde minha chegada aqui, persuadiram-me de que grandes acontecimentos estavam próximos, e que num tempo pouco afastado, numerosas forças latentes serão postas em atividade, para auxiliar na renovação geral. Por toda parte o fogo jaz latente sob a cinza; se uma faísca surgir, e ela surgirá, a conflagração tornar-se-á universal.

“Elementos espirituais atuais, triturados na imensa fornalha dos cataclismos físicos e morais que se preparam, uns mais depurados seguem o movimento ascensional; outros, lançados fora com as mais grosseiras escórias, deverão sofrer ainda várias destilações sucessivas, antes de se juntarem aos seus irmãos mais adiantados. Ah! eu compreendo, diante dos acontecimentos que o futuro nos reserva, estas palavras do filho de Maria: Haverá choro e ranger de dentes. Fazei, pois, meus amigos, de modo a serdes convidados ao banquete da inteligência e não fazer parte dos que serão lançados nas trevas exteriores.

“Antes de morrer cedi a uma última fraqueza, obedecendo a um preconceito; não que minha crença tivesse fraquejado ante o medo do desconhecido, mas para não me distinguir dos outros. Pois bem! depois de tudo, a palavra de um homem que vos fala do futuro é boa para ouvir no momento da grande viagem; essa palavra é cercada de ensinamentos antiquados, de práticas desgastadas, vejo-o bem, mas não deixa de ser a palavra de esperança e de consolação.

“Ah! vejo com os olhos do espírito, vejo um tempo em que o espírita, ao partir, também será cercado de irmãos que lhe falarão do futuro, da esperança de felicidade! Obrigado, meu Deus, porque me permitistes ver o clarão da verdade nos meus últimos instantes; obrigado por esse abrandamento de minhas provas. Se fiz algum bem, é a esta crença abençoada que o devo; foi ela que me deu a fé, o vigor material e a força moral necessária para curar; foi ela que me deu a lucidez de espírito até os meus últimos momentos, que me permitiu suportar sem murmurar a cruel doença que me levou.

“Perguntais qual é esta afecção a que sucumbi. Ah! meu Deus, é muito simples; as vísceras nas quais se opera a assimilação dos elementos novos, não tendo mais a força necessária para agir, as moléculas gastas pela ação vital eram eliminadas, sem que outras

as viessem substituir. Mas que importa a doença de que se morre, quando a morte é uma libertação! Obrigado ainda, caro amigo, pelo bom pensamento que vos levou a pedir a minha evocação. Dizei à minha mulher que sou feliz, que em mim ela encontrará o amado de sempre e que, esperando sua volta, não deixarei de cercá-la com a minha afeição e de ajudá-la com os meus conselhos.

“Agora, algumas palavras para vós pessoalmente, meu caro Dumas. Fostes um dos primeiros chamados a fincar a bandeira da doutrina neste país e, naturalmente, encontrastes obstáculos, dificuldades. Se vosso zelo não foi recompensado por tanto zelo quanto esperáveis, e que pareciam prometer no início, é que é preciso tempo para desarraigar os preconceitos e a rotina num meio inteiramente consagrado à vida material; é preciso já estar adiantado para assimilar prontamente novas idéias, que mudam os hábitos. Lembrai-vos de que o primeiro pioneiro que desbrava o terreno muito raramente é o que colhe; ele prepara o terreno para os que vêm depois dele. Fostes esse pioneiro: era a vossa missão; é uma honra e uma felicidade, que sou feliz por ter partilhado um pouco e que apreciareis um dia, como posso fazê-lo hoje, porquanto vossos esforços vos serão levados em conta. Mas não creiais que nos tenhamos dado a um trabalho inútil; não, nenhuma das sementes que espalhamos está perdida; elas germinarão e frutificarão quando chegar o momento de sua eclosão. A idéia está lançada e fará o seu caminho. Felicitai-vos por ter sido um dos obreiros escolhidos para esta obra. Tivestes dissabores, desilusões: era a prova de vossa fé e de vossa perseverança, sem o que, onde estaria o mérito para realizar uma missão, se só se encontrassem rosas sobre o caminho?

“Portanto, não vos deixeis abater pelas decepções; sobretudo não cedais ao desencorajamento e lembrai-vos destas palavras do Cristo: ‘Bem-aventurados os que perseverarem até o fim;’ e desta outra: ‘Bem-aventurados os que sofrerem por meu nome.’ Perseverai, pois, caro amigo, prossegui vossa obra e pensai

que os frutos que se colhem para o mundo onde estou agora, valem mais que os que se colhem na Terra, onde se os deixa ao partir.

“Peço-vos que digais a todos os que me testemunharam afeição e me guardam um bom lugar em sua lembrança, que não os esqueço e que muitas vezes estou em meio deles. Dizei aos que ainda repelem nossas crenças que quando estiverem onde estou, reconhecerão que era a verdade, e que lamentarão amargamente por as terem desprezado, porque terão de recomeçar penosas provações. Dizei aos que me fizeram mal que eu lhes perdôo e que peço a Deus que os perdoe.

“Aquele que vos será sempre devotado.”

E. Quineman

O CONDE DE OURCHES

O Sr. conde de Ourches foi um dos primeiros em Paris que se ocuparam das manifestações espíritas, desde o momento em que chegaram os relatos das que haviam ocorrido na América. Pelo crédito que lhe conferiam sua posição social, sua fortuna, suas relações de família e, acima de tudo, pela lealdade e honorabilidade de seu caráter, ele contribuiu poderosamente para a sua vulgarização. Ao tempo da moda das mesas girantes, seu nome tinha adquirido grande notoriedade e certa autoridade no mundo dos adeptos; ele tem, pois, seu nome marcado nos anais do Espiritismo. Apaixonado pelas manifestações físicas, a elas votava uma confiança ingênua e um tanto cega, da qual por vezes abusaram, pela facilidade com que se prestam à imitação. Exclusivamente dedicado a esse gênero de manifestações, do ponto de vista único do fenômeno, não acompanhou o Espiritismo na sua nova fase científica e filosófica, pela qual tinha pouca simpatia, ficando estranho ao grande movimento que se operou nos últimos dez anos.

Morreu no dia 5 de maio de 1867, aos 80 anos. Sobre ele o *Indépendance Belge* publicou um longo e interessantíssimo artigo biográfico, assinado por Henry de Pène, e reproduzido na *Gazette des Étrangers* de Paris (5, rue Scribe) de quinta-feira, 23 de maio; aí é feita plena justiça às suas eminentes qualidades, e a sua crença nos Espíritos é julgada com moderação, à qual o primeiro destes jornais não nos havia habituado. Assim termina o artigo:

“Tudo isto, bem o sei, fará que certo número de espíritos positivos dê de ombros e diga: ‘Ele é louco!’; por mais cérebro que tenha, logo dirão que ele é louco. O conde de Ourches era um homem superior, que se tinha proposto como objetivo ultrapassar os seus semelhantes, unindo as luzes positivas da Ciência aos lampejos e às visões do sobrenatural.”

Dissertação Espírita

O MAGNETISMO E O ESPIRITISMO COMPARADOS

(Sociedade de Paris, 17 de maio de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

“Em vida ocupei-me da prática do magnetismo, do ponto de vista exclusivamente material; ao menos assim o cria. Hoje sei que a elevação voluntária ou involuntária da alma, que faz desejar a cura do doente, é uma verdadeira magnetização espiritual.

“A cura se deve a causas excessivamente variáveis: Tal doença, tratada de tal maneira, cede ante a força de ação material; tal outra, que é idêntica, mas menos acentuada, não experimenta qualquer melhora, embora os meios curativos empregados talvez sejam ainda mais poderosos. A que se devem, então, essas variações de influências? – A uma causa ignorada pela maioria dos magnetizadores, que não se atacam senão aos princípios mórbidos materiais; elas são conseqüência da situação moral do indivíduo.

“A doença material é um efeito; para destruí-lo não basta atacá-lo, tomá-lo corpo-a-corpo e aniquilá-lo. Como a causa existe sempre, reproduzirá novos efeitos mórbidos quando estiver afastada a ação curativa.

“O fluido transmissor da saúde no magnetismo é um intermediário entre a matéria e a parte espiritual do ser, e que poderia comparar-se ao perispírito. Ele une dois corpos um ao outro; é um ponto sobre o qual passam os elementos que devem operar a cura nos órgãos doentes. Sendo um intermediário entre o Espírito e a matéria, por força de sua constituição molecular, esse fluido pode transmitir tão bem uma influência espiritual quanto uma influência puramente animal.

“Em última análise, que é o Espiritismo, ou antes, que é a mediunidade, essa faculdade até aqui incompreendida, e cuja extensão considerável estabeleceu sobre bases incontestáveis os princípios fundamentais da nova revelação? É pura e simplesmente uma variedade da ação magnética exercida por um ou vários magnetizadores *desencarnados*, sobre um paciente humano agindo no estado de vigília ou no estado extático, consciente ou inconscientemente.

“Por outro lado, que é o magnetismo? uma variedade do Espiritismo, na qual Espíritos *encarnados* agem sobre outros Espíritos encarnados.

“Finalmente, existe uma terceira variedade do magnetismo ou do Espiritismo, conforme se tome por ponto de partida a ação dos encarnados sobre os encarnados, ou a dos Espíritos relativamente livres sobre Espíritos aprisionados num corpo; esta terceira variedade, que tem por princípio a ação dos encarnados sobre os Espíritos, revela-se no tratamento e na moralização dos Espíritos obsessores.

“Assim, o Espiritismo não é senão magnetismo espiritual, e o magnetismo outra coisa não é senão Espiritismo humano.

“De fato, como procede o magnetizador que quer submeter à sua influência um sensitivo sonambúlico? Envolve-o em seu fluido; ele o possui numa certa medida e, notai-o bem, sem jamais conseguir aniquilar seu livre-arbítrio, sem dele poder fazer coisa sua, um instrumento puramente passivo. Muitas vezes o magnetizado resiste à influência do magnetizador e age num sentido quando este desejaria que a ação fosse diametralmente oposta. Embora no geral o sonâmbulo esteja adormecido e o seu próprio Espírito aja enquanto o seu corpo fica mais ou menos inerte, também acontece, porém mais raramente, que o sensitivo, simplesmente fascinado, iluminado, fique em vigília, posto que com maior tensão de espírito e uma inabitual exaltação de suas faculdades.

“E agora, como procede o Espírito que deseja comunicar-se? Envolve o médium com o seu fluido; em certa medida o possui, sem jamais dele fazer coisa sua, um instrumento puramente passivo. Talvez me objetareis que nos casos de obsessão, de possessão, o aniquilamento do livre-arbítrio parece ser completo. Muito haveria a dizer sobre esta questão, porque a ação aniquiladora se faz mais sobre as forças vitais materiais do que sobre o Espírito, que pode achar-se paralisado, dominado e impotente para resistir, mas cujo pensamento jamais é nulificado, como foi possível constatar em muitas ocasiões. Encontro no próprio fato da obsessão uma confirmação, uma prova em apoio de minha teoria, lembrando que a obsessão também se exerce *de encarnado a encarnado*, e que se tem visto magnetizadores aproveitando o domínio que exerciam sobre os seus sonâmbulos, para os levar a cometer ações censuráveis. Como sempre, aqui a exceção confirma a regra.

“Embora no geral o sensitivo mediúnico esteja desperto, em certos casos que se tornam cada vez mais freqüentes, o sonambulismo espontâneo se instala no médium e este fala por si mesmo, ou por sugestão, absolutamente como o sonâmbulo magnético nas mesmas circunstâncias.

“Enfim, como procedeis relativamente aos Espíritos obsessores ou simplesmente inferiores, que desejais moralizar? Agis sobre eles por atração fluídica; magnetizai-os, na maioria das vezes inconscientemente, para os reter em vosso círculo de ação; algumas vezes conscientemente, quando estabeleceis em torno deles uma camada fluídica, que não podem penetrar sem a vossa permissão, e agis sobre eles pela força moral, que não é outra coisa senão uma ação magnética quintessenciada.

“Como vos foi dito muitas vezes, não há lacunas na obra da Natureza, nem saltos bruscos, mas transições insensíveis, que fazem que se passe pouco a pouco de um a outro estado, sem que não se perceba a mudança senão pela consciência de uma situação melhor.

“O magnetismo é, pois, um grau inferior do Espiritismo, e que insensivelmente se confunde com este último por uma série de variedades, pouco diferindo um do outro, como o animal é um estado superior da planta, etc. Num caso, como no outro, são dois degraus da escada infinita, que liga todas as criações, desde o ínfimo átomo até Deus criador! Acima de vós está a luz ofuscante, que os vossos fracos olhos ainda não podem suportar; abaixo estão as trevas profundas, que os vossos mais poderosos instrumentos de óptica ainda não puderam iluminar. Ontem nada sabíeis; hoje vedes o abismo profundo no qual se perde a vossa origem. Presentis o objetivo infinitamente perfeito, para o qual tendem todas as vossas aspirações. E a quem deveis todos esses conhecimentos? ao magnetizador! ao Espiritismo! a todas as revelações que decorrem de uma lei de relação universal entre

todos os seres e seu Criador! a uma ciência surgida ontem por vossa concepção, mas cuja existência se perde na noite dos tempos, porque é uma das bases fundamentais da Criação.

“De tudo isto concluo que o magnetismo, desenvolvido pelo Espiritismo, é a pedra angular da saúde moral e material da Humanidade futura.”

E. Quinemant

Observação – A justeza das apreciações e as profundezas do novo ponto de vista, que encerra esta comunicação, a ninguém escaparão. Embora partido há pouco tempo, o Sr. Quinemant se revela, inicialmente e sem a menor hesitação, como um Espírito de incontestável superioridade. Apenas desprendido da matéria, que não parece ter deixado qualquer traço sobre ele, desdobra suas faculdades com uma força notável, que promete aos seus irmãos da Terra mais um bom conselheiro.

Os que pretendiam que o Espiritismo se arrastasse na rotina dos lugares-comuns e das banalidades, podem ver, pelas questões que ele aborda desde algum tempo, se fica estacionário; e o verão ainda melhor à medida que lhe for permitido desenvolver as suas conseqüências. Entretanto, a bem dizer, ele não ensina nada de novo. Se se estudar cuidadosamente os seus princípios constitutivos fundamentais, ver-se-á que encerram os germes de tudo; mas esses germes não podem desenvolver-se senão gradualmente; se nem todos florescem ao mesmo tempo, é que a extensão do círculo de suas atribuições não depende *da vontade dos homens*, mas da dos Espíritos, que regulam o grau de seu ensino conforme a oportunidade. É em vão que os homens queriam antecipar-se sobre o tempo; não podem constringer a vontade dos Espíritos, que agem conforme as inspirações superiores e não se deixam levar pela impaciência dos encarnados; se necessário, eles sabem *tornar estéril essa impaciência*. Deixai-os, pois, agir;

fortifiquemo-nos no que eles ensinam, e estejamos certos de que saberão, em tempo útil, fazer que o Espiritismo dê o que deve dar.

Bibliografia

UNIÃO ESPÍRITA DE BORDEAUX

O último número do jornal *União*, que agora nos chega, e que completa seu segundo ano, traz o seguinte aviso:

“Absorvido pelo trabalho material que nos impõe a exigência de prover às nossas e às necessidades da família, que temos a obrigação de educar, não nos foi possível fazer sair regularmente os últimos números do *Union Spirite*. Não o ocultaremos, em face desta tarefa ao mesmo tempo tão penosa e tão ingrata, que nos impusemos, que nos perguntamos a nós mesmos se não devíamos parar no caminho, e deixar a outros, mais favorecidos pela fortuna do que nós, o cuidado de continuar a obra que empreendemos com tanto ardor, convicção e fé. Mas, cedendo às instâncias de muitos dos nossos leitores, que pensam que o *Union Spirite* não só tem sua razão de ser, mas já prestou, e está chamado a prestar, em futuro talvez muito próximo, grandes serviços ao Espiritismo, resolvemos marchar ainda para frente, e enfrentar as dificuldades de toda sorte, que se amontoam sob os nossos passos. Apenas, a fim de nos tornar possível semelhante tarefa e para evitar a irregularidade da qual, infelizmente, até aqui, tantas vezes temos sido vítima, fomos obrigados a promover grandes modificações em nosso modo de publicação.

“O *Union Spirite*, que em junho próximo começará o seu terceiro ano, aparecerá de agora em diante apenas uma vez por mês, em cadernos de 32 páginas, grande in-8º. O preço da assinatura será fixado em 10 francos por ano.

“Esperamos que nossos assinantes aceitem estas condições, que são, aliás, as da *Revista Espírita* de Allan Kardec, e

de quase todas as publicações ou revistas filosóficas de Paris, e que, enviando o mais cedo possível a sua adesão, nos tornem tão fácil quanto possível a realização da obra, para a qual, há mais de quatro anos, temos feito tão grandes sacrifícios.”

A. Bez

Somos dos que consideram esse jornal como tendo sua razão de ser e sua utilidade; pelo espírito no qual é redigido, pode e deve prestar incontestáveis serviços à causa do Espiritismo. Cumprimentamos o Sr. Bez por sua perseverança, a despeito das dificuldades materiais que encontra mesmo em sua posição. Em nossa opinião, ele tomou um partido muito sensato, fazendo-o aparecer apenas uma vez por mês, embora lhe dando a mesma quantidade de matérias. Não se pode imaginar o tempo e a despesa que acarretam as publicações que aparecem várias vezes por mês, quando se é obrigado a bastar-se só, ou quase só; é absolutamente necessário não ter outra coisa a fazer e renunciar a qualquer outra ocupação. Aparecendo a 15 de cada mês, por exemplo, alternará com a nossa *Revista*. Desta maneira, os que quisessem que esta aparecesse mais vezes, o que é impossível, aí encontrarão o complemento do que desejam e não ficarão privados tanto tempo da leitura de assuntos pelos quais se interessam. Fazemos um apelo ao seu concurso, para sustentar essa publicação.

PROGRESSO ESPIRITUALISTA

Novo jornal que aparece duas vezes por mês, desde 15 de abril, no formato do antigo *Avenir*, ao qual anuncia suceder. O *Avenir* se constituía no representante de idéias às quais não podíamos dar a nossa adesão. Não é uma razão para que tais idéias não tenham o seu órgão, a fim de que cada um esteja em condição de as apreciar, e que se possa julgar de seu valor pela simpatia que encontram na maioria dos espíritas e sua concordância com o ensinamento da generalidade dos Espíritos. Como o Espiritismo só adota os princípios consagrados pela universalidade do

ensinamento, sancionado pela razão e pela lógica, sempre marchou e marchará sempre com a maioria; é o que constitui a sua força. Não há, pois, nada a temer das idéias divergentes; se forem justas, prevalecerão e o Espiritismo as adotará; se forem falsas, cairão.

Ainda não podemos apreciar a linha que seguirá, a esse respeito, o novo jornal. Em todo o caso, julgamos um dever assinalar o seu aparecimento aos nossos leitores, a fim de que o possam julgar por si mesmos. Seremos felizes por encontrar nele um novo campeão sério de sua doutrina e, neste caso, desejamos-lhe grande sucesso.

Redação: Rue de la Victoire, nº 34. – Preço: 10 francos por ano.

PESQUISAS SOBRE AS CAUSAS DO ATEÍSMO

Em resposta à brochura de monsenhor Dupanloup, por uma católica.

Brochura in-8º, livraria dos Srs. Didier & Companhia, 35, quai des Augustins e no escritório da *Revista Espírita*. – Preço: 1 fr. 25 c.; pelo correio: 1 fr. 45 c.

O autor deste notável escrito, embora sinceramente ligado às crenças católicas, propôs-se demonstrar ao monsenhor Dupanloup quais são as verdadeiras causas da praga do ateísmo e da incredulidade que invade a sociedade; segundo ele, interpretações hoje inadmissíveis e inconciliáveis com os dados positivos da Ciência. Ele prova que em muitos pontos a Igreja afastou-se do sentido real das Escrituras e do pensamento dos escritores sacros; que a religião só tem a ganhar com uma interpretação mais racional que, sem tocar nos princípios fundamentais dos dogmas, se conciliasse com a razão; que o Espiritismo, fundado sobre as próprias leis da Natureza, é a única chave possível de uma sã interpretação e, por isto mesmo, o mais

poderoso remédio contra o ateísmo. Tudo isto é dito simplesmente, sem entusiasmo, sem ênfase nem exaltação, e com uma lógica cerrada. Este escrito é um complemento de *A Fé e a Razão*, pela Sra. J. B., e dos *Dogmas da Igreja do Cristo explicados segundo o Espiritismo*, pelo Sr. de Bottinn.

Não obstante mulher, a autora dá prova de grande erudição teológica; cita e comenta com notável justeza os escritores sacros de todos os tempos, e com quase tanta facilidade quanto o Sr. Flammarion cita os autores científicos. Vê-se que lhe são familiares, o que nos leva a dizer que provavelmente não debuta nessas matérias, e que deve ter sido algum eminente teólogo em sua precedente existência. Sem partilhar de todas as suas idéias, dizemos que, do ponto de vista em que se colocou, não podia falar melhor, nem de outro modo, e que fez uma coisa útil para a época em que estamos.

O ROMANCE DO FUTURO

(Por E. Bonnemère)

Um volume in-12. Librairie internationale, 15, boulevard Montmartre. — Preço: 3 fr., pelo correio: 3 fr. 30 c.

A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número a análise desta importante obra, que recomendamos à atenção dos nossos leitores, como muito interessante para o Espiritismo.

Allan Kardec

